

Influências das Mídias Sociais nas comunidades indígenas (Indígenas e mídias sociais)

Influences of social media on Indigenous Communities

(Indigenous and social media)

Jaíne de Freitas Sampaio, Edinara Sousa França, Amanda Romênia de Oliveira Melo Souza, Juliana Linhares Cavalcanti de Alencar

Resumo

Esse artigo tem por objetivo identificar e compreender os impactos derivados da inserção das mídias sociais dentro das comunidades indígenas. Com o avanço da tecnologia e a ampliação da capacidade de transmissão do sinal da internet, as comunidades indígenas passaram a ter a possibilidade de uso do Instagram, Facebook e WhatsApp. A metodologia baseou-se em um levantamento de dados sobre o tema em artigos publicados em bibliotecas eletrônicas científicas e livros, com datas variadas entre 1991 a 2020, além de uma entrevista semiestruturada com uma representante da comunidade Pataxó. Os resultados encontrados mostraram que o uso dessas mídias sociais pelos índios tem o principal intuito de disseminação da cultura e divulgação das lutas indígenas, havendo também preocupação pelo excesso de utilização da internet pelos mais jovens. Conclui-se que o comportamento e a cultura não são elementos estáticos, mas estão em constante transformação independente da localidade.

Palavras-chave

Comunidades Indígenas, Mídias Sociais, Avanço da Internet.

Abstract

This paper aims to identify and understand the impacts derived from the insertion of social media within indigenous communities. With the advancement of technology and the expansion of the transmission capacity of the internet signal, indigenous communities now have the possibility of using Instagram, Facebook and WhatsApp. The methodology was based on a survey of data on the subject in articles published in scientific electronic libraries and books, with dates varying between 1991 and 2020, in addition to a semi-structured interview with a representative of the Pataxó community. The results found showed that the use of these social media by the Indians has the main purpose of disseminating the culture and dissemination of indigenous struggles, with a concern about the excessive use of the internet by younger people. It is concluded that behavior and culture are not static elements, but are constantly changing regardless of location.

Keywords

Jaíne de Freitas Sampaio

Centro Universitário Paraíso - UNIFAP

Psicóloga formada pelo Centro Universitário Paraíso. Membro do Grupo de estudo e pesquisa em Análise do Comportamento - GAC, e do Grupo em Psicanálise - GEPSY. Pós Graduanda em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Espírito Santo.

jainefreitasampaio@gmail.com

Edinara Sousa França

Centro Universitário Paraíso - UNIFAP

Psicóloga formada pelo Centro Universitário Paraíso - UNIFAP. Membro do Grupo de estudo e pesquisa em Psicanálise GEPSY. edinarasousa2016@gmail.com

Amanda Romênia de Oliveira Melo Souza

Centro Universitário Paraíso - UNIFAP

Psicóloga formada pelo Centro Universitário Paraíso - UNIFAP. amandaolivermel@gmail.com

Juliana Linhares Cavalcanti de Alencar

Centro Universitário Paraíso - UNIFAP

Docente no curso superior de Psicologia pelo Centro Universitário Paraíso - UNIFAP. julianaalencarpsi@hotmail.com

Indigenous Communities, social media, Advance of the Internet.

Introdução

Nas últimas décadas, percebeu-se o crescimento das redes sociais em diversos públicos, localidades e culturas. Em 2018, a internet esteve presente em 79,1% dos domicílios brasileiros, sendo o celular o principal instrumento destinado ao seu uso (IBGE, 2018). A expansão e introdução da internet é a base para a possibilidade de utilização das mídias sociais em diversas localidades do Brasil, até nas mais remotas. Segundo a pesquisadora Marina Terena, em entrevista à Tenório (Agência Brasil, 2015), tem-se que “a tecnologia já está disponível para todas as populações, indígenas ou não indígenas. O próprio movimento indígena hoje se mantém graças à tecnologia, através da disseminação da luta de seus direitos, sua cultura, sua história e trajetória”.

A utilização da internet tem diversos objetivos, um deles é estimular os movimentos sociais em cenários públicos atingindo quantidades enormes de pessoas de modo instantâneo, proporcionando visibilidade de múltiplas atividades e diferentes expressões de vida, e servindo de resguardo para identidades culturais, mobilização de causas e politização (DE MORAES, 2001). As comunidades indígenas passaram a utilizar a internet, e, posteriormente, as mídias sociais, como porta-voz das comunidades, para a divulgação da sua cultura e suas lutas ambientais (BUENO, 2013).

Atualmente, é comum encontrar nas comunidades indígenas aparatos tecnológicos, que proporcionam a oportunidade de captar informações, fortalecer ou dissipar suas identidades e heranças. Embora a internet proporcione visibilidade, há também uma inundação da cultura ocidental, havendo a possibilidade de se sobrepor a indígena em seus rituais religiosos e festivos tradicionais (COSTA, 2010). Com essa sociabilidade, torna-se possível ter acesso virtual a comunidades que antes eram mais isoladas e com pouca visibilidade. Sendo assim, a pesquisa busca proporcionar maior notoriedade sobre o tema ao público do meio acadêmico e científico, além de tentar identificar e compreender os impactos ocasionados pela inserção dessas mídias dentro das comunidades e na cultura indígena.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e de caráter exploratório sobre as influências das mídias sociais nas comunidades indígenas. O referido estudo tem como questão norteadora investigar os impactos das mídias sociais dentro das comunidades indígenas. Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se de uma revisão bibliográfica e entrevista semiestruturada com uma representante de uma comunidade indígena, essa sendo denominada de comunidade Pataxó. Foram analisados 22 arquivos entre artigos, monografias, dissertações, teses, livros e manuais, estes disponíveis em plataformas de literatura e pesquisa acadêmica, tais como Google Acadêmico, Scielo, Mendeley e dados do CFP. Utilizando-se das palavras chaves: comunidades indígenas, mídias sociais, internet e história do Brasil.

A seleção da participante foi realizada via redes sociais, assim como a entrevista. Os critérios para a escolha da participante foram estabelecidos com base nos objetivos da pesquisa, seguindo os pontos: ser de comunidade indígena brasileira, falar o idioma português, ter mais de 18 anos e utilizar frequentemente as mídias sociais. De acordo com dados do IBGE (2022), no território brasileiro a população indígena conta com um total de 1.694.836 pessoas. As comunidades indígenas são bastante diversificadas. Desse modo, diante da grandiosidade de etnias no Brasil, não se busca uma generalização, mas sim a realização de uma entrevista exploratória sobre a temática. Para tal, buscou-se dar voz a uma representante indígena. A participante do estudo, possui 23 anos, é estudante universitária e sua etnia é a Pataxó. Segundo Carvalho e Miranda (2021), a etnia Pataxó se estende

por diversas aldeias do extremo sul do estado da Bahia ao norte de Minas Gerais.

As perguntas direcionadas para a entrevistada foram, unicamente, para a produção de conhecimento, sobre os temas gerais sobre a sua comunidade, assim como sobre as mídias sociais naquele ambiente. Em nenhum momento realizou-se perguntas pessoais à entrevistada, a mesma possuía total liberdade para responder ou não os direcionamentos. Não houve qualquer resistência a nenhuma das perguntas realizadas.

Ameríndios no contexto brasileiro

Nomeia-se Ameríndios todos os povos indígenas, dos diversos grupos étnicos nativos, que habitavam as Américas antes da chegada de Colombo em 1492 (CUNHA, 1992). O termo “índio” ou “indígena” foi primeiramente utilizado e empregado devido a confusão territorial por parte dos Portugueses que acreditavam ter chegado ao país Índia (DE OLIVEIRA, 2012). A História indígena no Brasil ficou marcada pela pouca importância às atuações e identidade dos índios, assim havendo uma supervalorização das ações dos colonizadores. Os portugueses foram capazes de dominar centenas de povos, catequizando e os disciplinando, forçando-os a trabalhar e defender a terra como fiéis e súditos servidores do rei (ALMEIDA, 2017).

No final do século XV a ganância e ambição do capitalismo mercantil e a expansão marítima da coroa portuguesa encontraram o Novo Mundo. Esse mundo repleto de novidades e oportunidades era uma possibilidade de expansão dos negócios e territórios (CUNHA, 2012). Com a chegada dos portugueses nas terras brasileiras, o indígena passa a ser visto como um mero objeto a ser escravizado. A sua cultura, idiomas e modo de viver foram pressionados e forçados a mudanças drásticas (DORNELLES, 2017). O que restou desse encontro foi um resultado danoso para os povos indígenas, tendo a sua população reduzida drasticamente. As epidemias foram um dos principais agentes no extermínio de milhares de indígenas, agentes patogênicos de varíola, sarampo, coqueluche, catapora, tifo, difteria, gripe, entre outros, provocaram um grande cataclismo biológico. Outro fator também responsável por esse elevado número de mortes foi às guerras entre tribos, seja para capturar índios para serem escravizados ou para lutar contra índios tidos por hostis (CUNHA, 2012).

Mais recentemente, na década de 70, os indígenas passaram a ser percebidos de outra maneira com o surgimento do Movimento Indígena, marcado pela luta e resistência, que serviram como a base para a luta social. Essa população passou a se tornar engajada em reivindicar seus direitos e lugar político. Como resultado dessas reivindicações, tem-se em 1974 a primeira Assembleia Indígena em busca de direitos territoriais e da identidade indígena (BICALHO, 2010). Apesar de atualmente, ter-se um maior conhecimento sobre fatores históricos do indígena no Brasil, a seguinte afirmação de Cunha, ainda é válida:

Sabe-se pouco da história indígena: nem a origem, nem as cifras de população são seguras, muito menos o que realmente aconteceu. Mas progrediu-se, no entanto: hoje está mais clara, pelo menos, a extensão do que não se sabe (CUNHA, 1998, p. 11).

Somente em 1991, com a inclusão dos povos indígenas no Censo brasileiro, foi possível ter um maior contato sobre informações dessa parte da população. Mas, ainda assim, não se tem acesso fácil às nuances de cada tribo (IBGE, 2005). O Censo Demográfico realizado em 2022 categorizou que existem cerca de 1.694.836 mil brasileiros autodeclarados indígenas. Desses, 57,68% vivem em terras indígenas e 42,32% vivem fora de terras

indígenas (IBGE, 2022). Segundo o levantamento do IBGE de 2010, os indígenas que vivem em suas tribos, 57,3% utilizavam o seu idioma local, representando a continuidade da cultura e suas raízes. Tem-se cerca de 274 tipos de línguas indígenas distribuídas em 305 etnias diversas (FUNAI, 2010; IBGE, 2010).

Não se pode negar que, embora existam indígenas em quase todo o território brasileiro, tem-se um abismo em relação ao que se tem conhecimento das culturas indígenas. Muitas vezes, a imagem recordada pela população é romantizada, sobressaindo à ideia de um índio que vive em uma oca em constante relação somente com a natureza. Outra ideia também equivocada trata-se do uso de algumas tecnologias, e que com essa utilização por parte do índio, este deixaria de ser indígena. Como todas as culturas, existem mudanças que são ocasionadas ao longo do tempo, e as culturas indígenas não são diferentes e estão em constante transformação (GRUPIONI, 1994).

O avanço das mídias dentro comunidades indígenas

Um dos primeiros tipos de mídias escritas foram os jornais, que se tornaram um dos principais meios de comunicação social. Com a chegada das prensas a vapor, ocorreu uma maior expansão da circulação dos jornais entre as pessoas. Após a era dos jornais, tem-se o surgimento das rádios na década de 1920, que possuíam um alcance muito maior que os jornais impressos, mas ainda assim limitado, pois, inicialmente essa tecnologia estava mais direcionada às capitais, ficando em defasagem nos interiores e regiões mais afastadas. Na década de 1950 no Brasil, ocorreram as primeiras transmissões em televisores, tornando-se de grande popularidade no país por sua ampla capacidade de transmissão. Somente na década de 1990 surge a nova mídia social, a internet, possuindo a capacidade de reunir todas as outras mídias anteriores em uma só, além de ter a possibilidade de ampliação e transmissão de informações de modo instantâneo e global (MIRANDA, 2007).

O avanço tecnológico das mídias nas comunidades indígenas mais distantes dos centros urbanos ocorreu mais lentamente em comparação ao restante do país. O acesso à internet pelos indígenas, ainda de modo discreto, começou a ocorrer na década de 2000 (PEREIRA, 2007). A inclusão da conectividade via internet para as comunidades se deve a associação entre setor privado e público, que possuíam o intuito de criar uma integração com o digital e social.

No que diz respeito ao uso da Internet, sabe-se que não há uma democratização do acesso, e que esse processo perpassa por relações de poder. Os recursos tecnológicos têm papel fundamental, pois colaboram na expressão cultural e na disseminação de discursos que contribuem para o reconhecimento social (COSTA, 2010). As plataformas virtuais possibilitam maior interação com povos de outras localidades, algumas das mídias sociais mais utilizadas na atualidade são o Instagram e Facebook (RIBEIRO et al., 2016). Dentro das comunidades indígenas, a utilização dos recursos digitais parte de diversos objetivos, tais como a divulgação da cultura da sua etnia, comercialização dos produtos produzidos pela comunidade, além da busca pelos seus direitos. Ainda, as mídias abrem espaços para a militância e democratização de grupos que vêm sendo silenciados ao longo da história como, por exemplo, os indígenas (JESUS et al., 2015).

Impacto das mídias sociais no comportamento e subjetividade

A Psicologia entende que a cultura não é algo externo ao sujeito, mas sim internalizado (VYGOTSKI, 1991). Desse modo, tem por interesse o

estudo do indivíduo e da sua inserção e relação em uma sociedade, assim como a relação entre indígenas em sua comunidade bem como, neste caso, a relação entre povos indígenas e não indígenas. Quando o psicólogo possui sua atuação voltada para uma visão apenas individual, exclui todo o poder carregado pelos grupos. Estes, por sua vez, estão imersos em pensamentos coletivizados oriundos dos antepassados, que fazem parte da história daquele grupo (RODRIGUES, 2016).

Os povos indígenas são dotados de subjetividades e identidades singulares. A ideia do indígena de cultura estática é ultrapassada, pois, embora ainda persista a continuidade de traços das suas culturas típicas, há também mudanças comportamentais em contínua transformação. “As populações indígenas não precisam que lhes deem voz, elas já a tem. É preciso que lhes dê ouvidos” (GODOY, 2016, p.118). O Conselho Federal de Psicologia juntamente com o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), realizaram o Seminário de Subjetividade e Povos Indígenas, que possuía como objetivo discutir como a Psicologia poderia contribuir de modo ativo para o enfrentamento dos obstáculos dos povos indígenas, e, principalmente, dar voz e escutar as 23 etnias e lideranças indígenas e suas queixas (CFP, 2004). Compreende-se que todos os sujeitos possuem “sentimentos, ideologias, valores e modos próprios de interagir com o mundo, constituindo uma subjetividade que se constrói na interação contínua dos indivíduos com os aspectos histórico-culturais e afetivo-relacionais que os cercam” (CREPOP, 2008, p. 23).

Resultados e Discussão

Após a realização da entrevista com a participante do estudo, os dados obtidos foram analisados e categorizados para melhor compreensão e organização. Buscou-se identificar as nuances da chegada da internet, assim como o seu acesso e os possíveis impactos das mídias sociais dentro das comunidades indígenas. Dividindo-se em cinco categorias, são elas: fonte de renda, diversidade cultural, benefícios e malefícios da internet, mídias sociais e preconceito.

Sobre os fatores que envolvem a fonte de renda, de acordo com a representante da comunidade Pataxó, a renda encontra-se ligada, principalmente, ao turismo e artesanato, e em localidades litorâneas e rurais, à pesca e à agricultura, respectivamente. Segundo ela, atualmente, existe por parte dos indígenas certo distanciamento das práticas da caça, visando preservar a sobrevivência dos animais.

O turismo étnico tem o objetivo de oferecer uma experiência única e singular, exibindo padrões culturais e tradicionais daquela localidade, sendo um diferencial dos demais pontos turísticos habituais (CARDOZO, 2006). O artesanato está intimamente ligado ao turismo, ambos se complementam, pois, além de ser uma importante fonte de renda, também funciona como memória cultural (CAMPOS, et al., 2012).

No ponto diversidade cultural, tem-se como resultado, conforme relatado pela indígena entrevistada, que a comunidade Pataxó dispõe de diversas histórias, costumes, tradições, pinturas e rituais que se diferenciam de acordo com a localidade das aldeias.

Neste contexto, entende-se que:

Enquanto se garanta a livre circulação das ideias mediante a palavra e a imagem, deve-se cuidar para que todas as culturas possam se expressar e se fazer conhecidas. A liberdade de expressão, o pluralismo dos meios de comunicação, o multilinguismo, a igualdade de acesso às expressões artísticas, ao conhecimento científico e tecnológico – inclusive em formato digital - e a possibilidade, para todas as culturas, de estar presentes nos

meios de expressão e de difusão, são garantias da diversidade cultural (UNESCO, 2002, Art. 6, p. 02)

Quando a entrevistada foi questionada sobre o início do acesso à internet, possíveis dificuldades e se houve resistências para o uso, surgiu a categoria: histórico, benefícios e malefícios da internet. Em resposta à indagação, a indígena afirmou que se iniciou por volta dos anos de 2011 e 2012, ocorrendo dificuldade em adaptar-se, mas por haver benefícios em pesquisas escolares, aprendizagem e no processo de informações e ajuda à luta territorial, tornou-se necessário, e, desse modo, não houve resistências. Além disso, segundo a entrevistada, atualmente grande parte da comunidade tem acesso ao sinal da internet, mas por outro lado, esse avanço da internet e o grande consumo pelos jovens Pataxós tornaram-se fonte de preocupação para os mais velhos.

Historicamente falando sobre a disseminação da internet no Brasil, ocorreu um aumento no número de usuários no ano de 2011, sendo que mais de um terço da população a partir de 10 anos de idade das regiões Norte e Nordeste já tinha tido acesso à internet, em comparação em 2005, quando era apenas um décimo (IBGE, 2013). No tocante aos benefícios e malefícios da internet, a tecnologia, embora tenha a capacidade de conectar as pessoas, ao mesmo tempo desconecta socialmente. Entende-se que a utilização da internet é uma atividade prazerosa, divertida e de relativo baixo custo, com ampla facilidade de acesso, e que constitui uma fonte de informações quase que inesgotável. No entanto, o abuso de tempos de uso prolongados pode gerar certo tipo de dependência, de modo que, quando se priva da atividade ou diminui seu uso, ocorrem sinais de abstinência. Por isso, é importante a utilização consciente e uso moderado, pois ela produz a diminuição dos níveis de atenção e interações sociais (YOUNG; ABREU, 2011).

Perante a temática sobre quais as mídias sociais utilizadas, a indígena entrevistada relatou que fazia o uso do Instagram, WhatsApp e Tik Tok. Afirmou ainda que entende tais mídias como redes sociais, e as utiliza para se comunicar, publicar tudo relacionado à cultura, tradições e mobilização. Portanto, a entrevistada faz uso desse meio de comunicação para a realização de protestos e reivindicações de mudanças.

Nesse contexto, é importante destacar que as redes sociais são relações sociais que migraram para o digital, enquanto que as mídias sociais são as plataformas que disponibilizam esse espaço para a troca de informações e relações. As mídias possuem a capacidade de atingir muitos usuários de modo instantâneo, tornando-se uma ferramenta útil para mobilizações políticas (RIBEIRO, et al., 2016). A internet, e, por conseguinte, as mídias sociais são ferramentas indispensáveis para dar voz àqueles que antes não a tinham (BUENO, 2013). As comunidades estão se fortalecendo e se engajando em movimentos de reivindicação dos seus direitos, suas terras e suas identidades, sendo as mídias sociais uma das armas para tal ato (JESUS, 2011).

A respeito da categoria preconceito, a participante relata na entrevista haver dificuldade em aceitação pela sociedade sobre a evolução para o digital, e deixa claro que o uso das mídias não reduz a cultura e tradição indígena, não havendo a possibilidade de perda das suas origens.

Nesse caso, o relato da indígena vai ao encontro do apontado por Jesus (2011). O autor afirma que existe uma naturalização em tratar o índio como um povo à parte, aprisionados em um passado colonial, evidenciando assim um processo excludente e preconceituoso que permanece enraizado na sociedade.

Considerações finais

Diante do que foi debatido ao longo do presente artigo, fica claro que os indígenas, embora façam parte de uma minoria brasileira, possuem características e culturas bastante expressivas, fugindo da visão do mito de um indígena rígido e dos tempos coloniais. Isso se deve ao fato de que a sua cultura, assim como as demais, está em constante movimento de transformação, embora lutem para preservar e divulgar os pontos principais das tradições dos seus antepassados. A internet e as mídias sociais adentraram nessas comunidades e se tornaram ferramentas para lutas, propagação cultural e espaço de fala e diálogo. Essas mídias sociais trouxeram para os indígenas a possibilidade de criar, recriar e mobilizar conteúdos em prol da sua comunidade, influenciando diferentes visões de mundo, buscando a valorização da cultura e criando um elo entre indígenas e não indígenas. Embora haja esse engajamento, o diálogo intercultural ainda se mostra distante, devido ao preconceito contra os povos indígenas. Desse modo, torna-se necessário a continuidade de pesquisas acadêmicas voltadas para o tema, para proporcionar um espaço de fala para membros de comunidades indígenas diversas.

Sobre o artigo

Recebido: 19/06/2023

Aceito: 23/07/2023

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, M. R. C. A atuação dos indígenas na História do Brasil: Revisões Historiográficas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 37, n. 75, p. 17-38. 2017.
- BICALHO, P. S. S. **Protagonismo indígena no Brasil: movimento, cidadania e direitos (1970-2009)**. 2010. 468 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- BUENO, C. Comunidades indígenas usam internet e redes sociais para divulgar sua cultura. **Cienc. Cult**, São Paulo, v. 65, n. 2, p. 14-15, 2013.
- CAMPOS, L. J.; ALQUATTI, R.; PEREIRA, I. Artesanato, cultura e turismo: o discurso estético-político nas Arpilleras. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 235-253, 2012.
- CARDOZO, F. P. Considerações preliminares sobre produto turístico étnico. PASOS, **Revista de Turismo Y Patrimonio Cultural**, Amapá, v. 4, n. 2, p. 143-152, 2006.
- CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS (CREPOP). **Referência técnica para atuação do(a) psicólogo(a) no Cras/Suas**. Brasília: Conselho Federal De Psicologia (CFP), 2008.
- CFP. **Conselho Federal de Psicologia** - CFP. 2004. Subjetividade e povos indígenas. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/?evento=subjetividade-e-povos-indgenas>. Acesso em: abr. de 2021.
- COSTA, A. C. A comunidade indígena e o mundo tecnológico: reflexões sobre os impactos das mídias sociais na vida dos aikewára. **Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**, Anais. Pernambuco, p. 1-14, 2010.

CUNHA, M. C. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

CUNHA, M. C. Introdução a uma história indígena. In: CUNHA, M. C. **História dos índios no Brasil** (1992). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DE MORAES, D. O ativismo digital. **Biblioteca online de ciências da comunicação**. Covilhã, 2001.

DE OLIVEIRA, J. E. A história indígena no Brasil e em Mato Grosso do Sul. **Espaço Ameríndio**. Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 178, 2012.

DORNELLES, S. S. **A questão indígena e o império: índios, terra, trabalho e violência na província paulista, 1845-1891**. 2017. 266 f. Tese (Doutorado em História Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual De Campinas, Campinas, 2017.

FUNAI. **Fundação Nacional do Índio - FUNAI**. O Brasil indígena (IBGE). 2010. Disponível em: <https://Www.Gov.Br/Funai/Pt-br/Atuacao/Povos-indigenas/O-brasil-indigena-ibge> Acesso em: mar. de 2021.

GODOY, D. B. O. A. Vozes do Brasil: Diferentes identidades, um devir intercultural? In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. **Povos indígenas e psicologia: a procura do bem viver**. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2016, p. 110-123.

GRUPIONI, L. D. B. **Índios: passado, presente e futuro** (1992). Índios do Brasil. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**. PNAD: De 2005 para 2011, número de internautas cresce 143,8% e o de pessoas com celular, 107,2%. 2013. Disponível em: [https://Agenciadenoticias.Ibge.Gov.Br/Agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/Releases/14404-asi-pnad-de-2005-para-2011-numero-de-internautas-cresce-1438-e-o-de-pessoas-com-celular-1072#:~:Text=Em%202011%2c%2077%2c7%20milh%C3%B5es,Idade%20\(71%2c8%25\)](https://Agenciadenoticias.Ibge.Gov.Br/Agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/Releases/14404-asi-pnad-de-2005-para-2011-numero-de-internautas-cresce-1438-e-o-de-pessoas-com-celular-1072#:~:Text=Em%202011%2c%2077%2c7%20milh%C3%B5es,Idade%20(71%2c8%25)). Acesso em: mai. de 2021.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tendências demográficas, uma análise dos indígenas com base nos resultados da amostra dos censos demográficos 1991 e 2000**. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2005.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama Censo 2022**. Disponível Em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=BR>. Acesso em: jul. de 2024.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**. Uso de internet, televisão e celular no Brasil. 2018. Disponível Em: <https://Educa.Ibge.Gov.Br/Jovens/Materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.Html#Subtítulo-0>. Acesso em: mar. de 2021.

JESUS N.; ALONSO K.; MACIEL, C. Presença dos indígenas de Mato Grosso na internet e na produção de mídias: militância, sustentabilidade e memória. **Comunicação & Inovação**, v. 16, n. 32, p. 73-86, 2015.

JESUS, Z. R. Povos indígenas e história do Brasil: invisibilidade, silenciamento, violência e preconceito. **Anais Do XXVI Simpósio Nacional De História ANPUH**, São Paulo, 2011.

MIRANDA, G. L. **A história da evolução da mídia no Brasil e no mundo**. 2007. 43 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Repositório Centro Universitário de Brasília, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PEREIRA, E. S. **Ciborgues indígenas@s. br: a presença nativa no ciberespaço**. 2007. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) -

Instituto de Ciências Sociais, Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2007.

RIBEIRO, R. F.; MENDES, L. U. de C.; CRUZ MENDES, P. M. Tribos virtuais: uma análise do uso das mídias sociais pelos movimentos indígenas. **Revista Mangaio Acadêmico**, v. 1, n. 1, p. 18-26, 2016.

RODRIGUES, E. S. O lugar da psicologia nas questões indígenas. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. **Povos Indígenas E Psicologia: A Procura Do Bem Viver**. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRPS), 2016, p. 227-234.

TENÓRIO. **Agência Brasil**. Aldeia conectada: índios aderem às redes sociais. 2015. Disponível em: <https://Agenciabrasil.Ebc.Com.Br/Cultura/Noticia/2015-10/Aldeia-conectadaindios-aderem-redes-sociais>. Acesso em: mar. de 2021.

UNESCO. **Declaração universal sobre a diversidade cultural**. 2002. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127160>.

YOUNG, K. S.; ABREU, C. N. **Dependência de internet: manual e guia de avaliação e tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente** (1978). São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991.